

CONHECIMENTOS DE MULHERES SOBRE OS SINTOMAS DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

LETÍCIA BARBOSA DIAS¹; JARBAS DA SILVA ZIANI²; CAROLINA HELEONORA PILGER³; THAYNA DA FONSECA AGUIRRE⁴; NATALIA DA SILVA GOMES⁵; LISIE ALENDE PRATES⁶.

¹Universidade Federal do Pampa – bdiasleticia@gmail.com

²Universidade Federal do Pampa – jarbasziani.aluno@unipampa.edu.br

³Universidade Federal de Santa Maria – carolinapilger@gmail.com

⁴Universidade Federal do Pampa – thaynaaguirre.aluno@unipampa.edu.br

⁵Universidade do Vale do Rio dos Sinos - nataliasilvag_@hotmail.com

⁶Universidade Federal do Pampa – lisieprates@unipampa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) possuem alta incidência e prevalência no mundo, constituindo grave problema de saúde pública. Elas são causadas por diversos agentes etiológicos, como vírus, fungos, bactérias e protozoários, e podem se apresentar na forma mais graves em mulheres. Além disso, constituem um fator facilitador para a contaminação pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) (BRASIL, 2015).

As IST podem ser assintomáticas ou apresentar sintomatologia características da infecção, que inclui, principalmente, o corrimento uretral e vaginal, as úlceras genitais, o desconforto ou dor pélvica em mulheres, odor e prurido vaginal, e a dor durante a relação sexual (BRASIL, 2006). Algumas infecções podem gerar um quadro clínico típico logo após a contaminação. Porém, após determinado período, os sintomas cessam, fazendo com que o indivíduo não procure atendimento em saúde e nem detecte a doença. Como principal exemplo tem-se o vírus HIV, que, em sua fase aguda, é acompanhado por um conjunto de manifestações clínicas, que desaparecem após três a quatro semanas (BRASIL, 2013).

O conhecimento acerca dos sinais e sintomas é fundamental para a detecção e tratamento precoce frente essas infecções. Carvalho et al (2015) identificaram que a maioria dos entrevistados não reconheceram os sintomas característicos das ISTs, como a úlcera genital, corrimento, linfadenopatia inguinal, dor/ardência ao urinar, coceira na genitália e dor abdominal. Esses achados assemelham-se ao reportado por Ciriaco et al (2019), os quais verificaram conhecimento superficial sobre as IST em seu estudo. Os autores ainda observaram a presença de dificuldade e dúvida sobre a diferenciação e o significado dos termos HIV e AIDS.

Em suma, a ausência de saberes e conhecimentos sobre a sintomatologia clínica das ISTs podem prejudicar o diagnóstico precoce, colaborando para o aumento do agravamento pelo adoecimento gerado pelas infecções, além de contribuir com a disseminação dos agentes etiológicos causadores, fomentando um ciclo vicioso das doenças. A partir disso, o objetivo desse estudo foi identificar os conhecimentos de mulheres sobre os sintomas apresentados diante da exposição às ISTs.

2. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, de campo e descritiva, desenvolvida no cenário do Centro de Referência para a Saúde da Mulher, em município localizado na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, entre os meses de novembro e dezembro de 2020. Foram incluídas no estudo mulheres, com idade mínima de 12 anos e sem limitação de idade máxima. Não houve critérios de exclusão. Foi adotado o critério de saturação de dados (MINAYO, 2014), com a captação de 11 participantes.

Foi desenvolvida a técnica de entrevista semiestruturada. As perguntas fechadas abrangeram dados sociodemográficos relativos às participantes. Já as perguntas abertas estavam relacionadas ao objetivo da pesquisa e, portanto, visaram conhecer os saberes das mulheres sobre as ISTs. Todo o processo de produção de dados foi gravado, mediante a autorização dos participantes.

De forma complementar à entrevista, foram utilizadas as técnicas de criatividade e sensibilidade (TCS) denominadas de “Almanaque” e “Corpo Saber”. Ao final da construção de ambas as produções artísticas, os pesquisadores fotografaram cada “Almanaque” e “Corpo Saber”.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade local em 10 de novembro de 2020, sob o CAAE 39479720.0.0000.5323, número do processo 4.390.633. Todas as participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere aos conhecimentos sobre os sintomas apresentados diante da exposição às ISTs, percebeu-se que cinco (45,4%) participantes apresentaram dúvidas mas responderam a questão e quatro delas (36,3%) afirmaram desconhecer qualquer sintomatologia. Os conhecimentos das mulheres estavam atrelados às vivências pessoais ou que presenciaram em situações vividas por seus conhecidos.

Nos depoimentos, as participantes mencionam sintomas que constituem o grupo clássico de manifestações clínicas dessas doenças (úlceras/feridas em região genital, alterações na pele, presença de linfonodos/cistos e a perda de peso) e apenas um sintoma equivocado (dor na bexiga).

Duas participantes (18,1%) relataram como sintomas o aparecimento de úlceras/feridas e alterações em região genital. A literatura revela que 70% dos casos atendidos em clínicas especializadas no atendimento as ISTs referem úlceras genitais. Os autores também mencionam que, muitas vezes, elas possuem diferentes agentes etiológicos, os quais causam diversos tipos de lesões e estão relacionadas, principalmente, à sífilis e cancroide, requerendo diagnóstico e tratamento oportunos (RAMOS et al, 2021).

As alterações na pele também foram citadas por duas participantes (18,1%). Sabe-se que essas alterações podem se configurar de diferentes formas, tamanhos e aspectos (CHAVES et al, 2020). Contudo, essas especificações não foram relatadas pelas participantes.

Desse modo, cabe ressaltar que, quando há exposição à hepatite, a pele pode tornar-se icterícia. Já em casos de sífilis primária, as lesões são recorrentes. Em casos de contaminação pelo vírus HPV, há a presença de prurido e de verrugas. Em situações de candidíase, há proliferação do fungo em diversas áreas da derme (CHAVES et al, 2020).

Outro sintoma característico das ISTs envolve o aparecimento de linfonodos na região da virilha/vagina/pescoço e cistos uterinos e ovarianos. Esse sintoma foi mencionado por uma participante (9,09%) e constitui aspecto comum nas ISTs, visualizados nos casos de sífilis, cancroide e linfogranuloma venéreo. Ainda podem

se apresentar indolores ou dolorosos, passíveis de remoção ou não, preenchidos por secreção ou rígidos (RAMOS et al, 2021).

Outro sintoma relatado por uma participante foi a perda de peso (9,09%). Ramos et al (2021) pontuam que a perda de peso pode ocorrer na exposição a diferentes ISTs. Na fase de sequela dos casos de linfogranuloma venéreo, o emagrecimento pode aparecer em consequência de diversas outras alterações causadas pela doença e associado a outros sintomas, como febre, mal-estar, anorexia, artralgia, sudorese noturna e meningismo. Apenas uma participante (9,09%) relatou como sintoma a dor na bexiga. Contudo, a literatura não cita nenhum achado sobre esse sinal clínico em casos de ISTs.

Os dados supracitados demonstram que as participantes apresentavam conhecimento superficial sobre os sintomas decorrentes de infecção por ISTs. Posto isso, esses dados corroboram com o estudo de Rufino et al (2016), no qual evidenciou-se que apenas 33,3% das mulheres conseguiram identificar sintomas ligados às ISTs, porém, após intervenção dos pesquisadores 86,7% das participantes responderam à pergunta. Tal achado reforça a necessidade de atividades de educação em saúde, que permitam compartilhar conhecimentos ligados à temática, empoderando as mulheres para o autocuidado e prevenção de agravos.

3. CONCLUSÕES

O presente estudo evidenciou que as mulheres possuem conhecimento superficial sobre as ISTs. Dessa forma, sinaliza-se a necessidade de realização de ações de educação em saúde, desenvolvidas por profissionais e estudantes da área da saúde, para informar e sensibilizar a população sobre as ISTs. A partir dessas atividades, considera-se que os indivíduos poderão reconhecer os sinais e sintomas e procurar atendimento em saúde de forma precoce, viabilizando o diagnóstico e tratamento em tempo oportuno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde. 2005. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controle_doencas_sexualmente_transmissiveis.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapias_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf.

CARVALHO, Paulie Marcelly Ribeiro dos Santos et al. Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**, São Paulo, v. 28, n. 1, pp. 95-100. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/5q6z3FwSCJqpmph8GGzFpH/?format=pdf&lang=pt>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. PROTOCOLO CLÍNICO E DIRETRIZES TERAPÊUTICAS PARA MANEJO DA INFECÇÃO PELO HIV EM ADULTOS. Ministério da Saúde. 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_manejo_hiv_adultos.pdf

CIRIACO, N. L. C.; PEREIRA, L. A. A. C.; CAMPOS-JÚNIOR, P. H. A.; COSTA, R. A. A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. **Revista Em Extensão**, v. 18, n. 1, p. 63-80, 18 set. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/43346>.

CHAVES, ANDRÉ FELIPE DE CASTRO PEREIRA; et al. IST, PREVENÇÃO E SEXUALIDADE. Teresina-PI, Maio de 2020. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/prex/publicacoes-da-extensao/Cartilha_Infeccoes_Sexualmente_Transmissiveis_IST_compressed20200610132403.pdf.

RAMOS, Mauro Cunha et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecções que causam úlcera genital. **Epidemiol. Serv. Saude, Brasília**, 30(Esp.1):e2020663, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/t5cFGq4BcJW3b4NvDq9y7dz/?lang=pt&forma>

RUFINO, Érika Cavalcanti et al. CONHECIMENTO DE MULHERES SOBRE IST/AIDS: INTERVINDO COM EDUCAÇÃO EM SAÚDE. **Ciênc. cuid. saúde**, v. 15, n.2, p. 304-312, jun. 2016. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38612016000200304&lng=pt&nrm=iso.